

HE 6, 28  
Pag. 1

L. 1688 - V.

767

# ORACÃO,

QUE

## O MARQUEZ DE VALENCIA

recitou na Academia,

PELA QUAL MOSTRA QUE NEM  
os Reys devem filosofar, nem os Filósofos  
reynar.



Ocame dar hoje conta dos meus estudos, e não me toca aconselhar a Academia, e menos o seu Augusto Fundador, que se me tocara esta obrigação, bem sabe o nosso Principe que eu lhe não faria a injuria de o suppor inimigo de hum conselho, quando sem conselho os acertos se não louvaõ pelos sabios, e os erros com conselho se desculpaõ pelos prudentes. Era este conselho que se permittisse a todos os que fallaõ neste Palacio celebrar os felicissimos dias de sete de Setembro, e de vinte e dous de Outubro, porque revogar as leys severas não he menos gloria nos soberanos que instituir as leys justas. Parecia conforme a boa razaõ que já que todos somos interessados na felicidade destes dias, fossemos todos agradecidos publicamente aos seus effeitos, pois he pequena esfera a do coração para se reduzir a elle só o immenso gosto da vassallagem; mas como me não toca aconselhar, não serey conselheiro de hum Rey, serey censor de hum Filosofo, mostrando contra o dito

A de

de Plataõ que nem os Reys devem filosofar, nem os Filoſofos reynar.

Primeiramente hum Rey deve ſer hum homem, que não cuide mais que em conhecer homens, e ſó iſto baſtava para o Rey não poder filosofar. A Philoſofia quer retiro dos homens, a arte de governar quer communicação com os vaſſallos. A Philoſofia quer hum genio. que invente, mas que ſeja com perigo da invenção, e do inventor. A arte de governar quer huma natureza como a meſma natureza, que poucas vezes he irregular nas ſuas obras: por eſta cauſa não cria muitos pigmeos, e gigantes, por não fazer homens, que huns ſejaõ menores, e outros mayores que todos; e ſe eſte cuidado ſe acha na natureza como mãy, para que ſe não offendaõ os olhos, quanto mais ſe deve eſperar no Principe como pay, para que ſenaõ queixe o merecimento? Mas ſe eſtas razoens vos não convencem, vede ſe eſtas tem mais efficacia.

Entre todas as ſeitas a que mais ſe chega ás leys da razaõ, he a Eſtoica. Cõſideray como poderia hum Rey governar com acerto eſtudando na Eſcola de Zenon, ſendo huma das ſuas maximas fazer os homens inſenſiveis? Hum Rey inſenſivel! Tronco, quando deve ſer a arvore da vida, e da ciencia para os vaſſallos! Pedra com dureza para os homens, e com frialdade para os negocios! Dizem mais eſtes Filoſofos que ſaõ iguaes todas as culpas: com q̄ he o meſmo faltar ao goſto do Rey, em que elle attende ao ſeu appetite, que ás leys do Principe, em que contempla o bem da patria. Sey eu que não ſeguir os conſelhos de Deos não chega a ſer culpa leve. Atrave-ſe a dizer eſta meſma Eſcola que o ſabio não deve mudar de opiniaõ, nem perdoar os delitos. Salamaõ quando vio abertos os theſouros da omnipotencia, não deſejou da ſua riqueza mais que a joya da docilidade: ella o pode fazer ſabio na adoleſcencia, e a ſabedoria o não pode conſervar ſabio na velhice. Se o Rey não for

humano, e compassivo, os culpados vivirão sem esperança, e os innocentes com sobrefalto. Perdoara Alexandre as liberdades de Clito, e de Callisthenes, que elle seria tão venerado na Asia, como foy na Grecia, que sem clemencia para quem erra, e sem liberalidade para quem necessita, não ha fama immortal entre os Principes. Pois esta he a Filosofia, que teve discipulos mais authorizados como os dous Catoens, columnas da Republica Romana, e Seneca mestre dos bons costumes, que he mais que de hum Imperador, ainda que Nero fosse como Trajano.

Mas entremos por outra Escola, e ouvi a hum Diogenes, a quem Alexandre se dignou de visitar. Grande doutrina dá a todos os Principes, e seus privados a visita deste Rey, sendo a mayor ir resolutos este Monarcha a favorecer hum homem inimigo do seu genio: mas esta virtude só se acha em hum descendente de Achilles, em hum filho de Philippe, em hum Alexandre Magno, em hum conquistador do mundo, em cuja presença toda a terra emmudeceo admirada das suas vitorias. Era o genio de Alexandre de chorar, porque não havia mais mundos, de que elle fosse Senhor pela sua espada: era o genio de Diogenes de viver dentro de huma tina, quando todo o mundo era limitado para a altivez, e soberba de Alexandre. Bons tempos, em que os Principes amando a ambição não deixavaõ de premiar o desinteresse: bons tempos, em que os Monarchas buscavaõ os sabios, e se governavaõ pela fama dos homens: bons tempos, em que os validos não embaraçavaõ aos Reys as acçoens, que os honraõ na posteridade: bons tempos, em que as dadas dos Reys só se empregavaõ nos benemeritos: bons tempos em fim, em que os Reys, se davaõ o primeiro lugar á coroa, davaõ o segundo á independencia, e invejavaõ a virtude para a louvar, e não para a perseguir.

E que nos ensina Diogenes para que vejamos, se as

4  
suas doutrinas são proprias do palacio? São as mais alhe-  
yas deste lugar, porque Diogenes se prezava de ser cha-  
mado Caõ, dizendo que a huns festejava, a outros la-  
drava, e a outros mordia, sendo o festejar lisonja dos  
Palacianos, o ladrar fraqueza dos invejosos, e o morder  
natureza dos competidores. Mas quando não fora este  
defeito de Diogenes, bastava aquella acção extravan-  
te de buscar hum homem com huma lanterna ao meyo  
dia, para que fosse incapaz de governar. Diogenes não  
acha hum homem, porque o busca com as perfeiçoens,  
que não cabem na condição dos mortaes, e porque não  
ha hum homem, que possa fazer o que fazem muitos.  
Diogenes não acha hum homem, porque não basta a di-  
ligencia para os achar, he necessario o conhecimento  
para os descobrir, e não he da profissão deste Filosofo  
conhecer mais que hum sabio para ensinar em huma  
Academia. O que supposto, ouçamos antes a lição de  
Pirron para ver se he conforme ás obrigaçoens de hum  
Rey. Este Filosofo o que ensina he a duvidar de todas as  
couzas.

Quem duvida de tudo, não he bom para obedecer,  
nem para mandar. Já Cicero disse que a credulidade era  
mais erro que culpa, e ninguem haverá que não diga que  
a incredulidade he mais culpa que erro. Não he só com-  
prehendida neste desatino a Escola de Pirron, tambem  
he a de Plataõ: o que entenderão muitos discursos, não  
he facil que o conheça melhor a opiniaõ de hum só en-  
tendimento; seja o de Nestor entre os Gregos, o de Achi-  
tofel entre os Hebreos, o de Cataõ entre os Romanos,  
e o de Salamaõ entre os Principes. Confesso que sou ini-  
migo das novidades, e creyo que Deos não castiga mais  
os homens quando as nega nos campos, que quando as  
permite nas Cortes. Aprendamos das que nos dá o Ceo,  
que são para conservar, e não para destruir, e se não que-  
remos olhar para elle, lembremenos que os antepassados  
se

se chamaõ nossos mayores, e que este titulo obriga a respeito, e imitação; e se a antiguidade se estima nas pedras, e nos bronzes, como se despreza nos costumes, e nos estylos? Ora antes que se me acabem as tintas no retrato do Rey Filosofo, comecemos a debuxar a imagem do Filosofo Rey.

Hum destes posto no trono não quer tratar com os homens, porque o Rey, como o vassallo se pervertem na sua companhia. Diz filosofando que os animaes ensinaraõ varios remedios para o corpo, e os homens mais vicios contra a alma, e que a nossa natureza he mais cruel que a dos mesmos brutos: acha na sua experiencia que o caõ he mais fiel para seu senhor, só porque o sustenta com os sobejos da sua mesa, o cavallo mais serviçal para seu dono, ainda tirandolhe com o freyo a liberdade, o leaõ mais agradecido a quem lhe fez algum beneficio até sendo Rey das feras. Mas consideremos a este Principe Filosofo mais amigo da sociedade dos homens. Eisque lhe he necessario a este Rey premiar acçoens heroicas, como a maõ queimada de hum Scevola, o rosto retalhado de hũ Zopyro: embargalhe a grandeza deste premio a sentença de todos os Filosofos, que em nenhuma cousa deve haver nimiedade. Lêbrame a este proposito o conselho, que deo Parmeniaõ a Alexandre sobre aceitar a partilha da Asia, que lhe offerecia Dario seu contendor. Dizia este General: Se eu fora Alexandre, havia aceitar este tratado de paz. Respondeo Alexandre: Tambem eu, se fora Parmeniaõ. E se hum homem creado na campanha, que he o mayor theatro, pois nelle só se representaõ tragedias, costumado á honra das coroas, e das palmas, e á vaidade das aclamaçoens, e triunfos, a tirar vidas na resistencia, e a dallas na victoria, a mostrar o desafogo na desgraça, e a moderação na fortuna, não sabe aconselhar hum Rey; hum homem doutrinado nas aulas como pôde exercitar aquelle officio, para que não teve hombros

Saul

Saul, que era o mais alto do seu povo, nem cabeça Salamaõ tendo a sua coroa mais rayos de sabedoria, que de ouro?

Quer o Principe com pensamentos de magnifico dizer da sua Corte o que disse Augusto de Roma, que a achara feita de ladrilhos, e que a deixava fabricada de marmores: começa a lembrarlhe a tina de Diogenes, e a persuadirse que ella lhe deo mais nome que a Semiramis os Hortos Pensís de Babylonia: vemlhe á memoria que Epitecto se alumbeava com huma lanterna de barro, e a prefere na sua estimaçaõ ao mesmo candelabro de ouro: considera que Socrates naõ tinha mais que hum pallio para se vestir, e antepoem este ao mesmo pallio, debaixo do qual caminhaõ os Reys: repara que esse Socrates soffria a Mirto, e a Xanthippe, e disto fica aprendendo a reformar os estranhos, e naõ os domesticos, quando as casas particulares imitaõ os costumes dos palacios: vê rir a hum Democrito, e ri-se das desgraças, que devia sentir: vê chorar a hum Heraclito, e chora os males, que podéra evitar desculpando o riso, com ser o risível propriedade, que só compete ao homem, e as lagrimas, com ser a primeira liçaõ, que nos dá a natureza.

E para que se defengane este congresso que as melhores maximas da Filosofia saõ impraticaveis nos Principes, vede por fim deste discurso como provo a minha opiniaõ. Diz Chilon: Conhecete a ti mesmo. Esta sentença basta para aprefeiçoar hum particular, mas naõ hum Rey: se se conhece a si, e naõ aos vassallos, como ha de usar do seu talento? Se entregar as armas ao Filosofo, e a Republica ao soldado, naõ haverá segurança, nem justiça. Diz Aristoteles: O amigo he outro eu: logo naõ podem ter amigos os Reys, porque naõ devem multiplicar o poder, que he contra os subditos, e contra a sua independencia; e hum Rey falto de amigos naõ se póde chamar feliz, porque lhe tirou mais a fortuna do que lhe deo.

Diz Epitecto reduzindo toda a Filosofia a estes dous pontos: Soffrei, e abstendevo, deixando que as maximas de governar não se podem reduzir a tão pequeno numero. Os Reys haõ de soffrer as offensas contra a sua pessoa, mas não contra as suas leys, e a frugalidade, e parcimonia acredita os Filozofos com os Principes, e malquista os Principes com os vassallos. Diz Socrates: O que sey he que nada sey. O Rey não ha de dizer que não sabe nada, nem que sabe tudo, porque hum Principe ignorante não o póde estimar a mesma fidelidade, e hum Principe presumido entenderá que não necessita de conselho. O mesmo Socrates disse a hum moço, que desejava ser seu discipulo: Falla, para que eu te veja: Os homens não se conhecem pelo que dizem, senão pelo que obraõ. Deos creou os entendimentos praticos, e especulativos, como os frutos, e as flores: aquelles para conservar a vida, estas para recrear os sentidos. Diz Seneca que a sabedoria he querer sempre o mesmo, e não querer sempre o mesmo: nas virtudes não deve haver variedade, mas nos negocios deve haver mudança, e he do sabio mudar de conselho, não ficaõ de bom partido os que nunca mudaõ dos seus dictames; quanto mais que depois de São Agostinho se retractar, não sey como não ha mais vaidade nos erros que nos acertos para imitar a sua modestia. Tenho dado as minhas razoens contra o dito de Plataõ, e nellas mostrado a total differença, que ha entre o pallio, e a purpura, o barrete, e a coroa, o bordaõ, e o cetro, a cadeira, e o trono, o Filozofos, e o Principe, para que não devaõ filosofar os Reys, nem reinar os Filozofos.

## LISBOA OCCIDENTAL.

Na Officina de MIGUEL RODRIGUES,  
 Impressor do Eminent. Senhor Card. Patriarc.

M DCC. XXXVIII.

---

*Com todas as licenças necessarias.*

Das Epitapho reconhecendo todas as Fillozas e effeções  
 tor: Sôzior, e abhrendoves, deixando que as maximas do  
 governar não se podem reduzir a tão pequeno numero  
 O Rey ha de toller as offensas contra a sua pessoa,  
 mas não contra as suas leis, e a singularidade, e par-  
 ticular acobidia os Fillozas com os Príncipes, e  
 nobreza os Príncipes com os vassallos. Das Socie-  
 tes: O que ley he que não se ley. O Rey não he de  
 dizer que não sabe nada, nem que sabe tudo, por que não  
 Princípe ignorante não o pode ensinar a mesma sabida-  
 de, e hum Príncipe prudente ensinará que não neces-  
 sita de conselho. O mesmo Sociedades não a hum modo,  
 que deleyta no seu dilecto. A vida para que eu te vejo  
 Os homens não se conhecem pelo que dizem, senão pelo  
 que obrão. Deo creon os emendamentos praticos, e ei-  
 peculativos, como os fructos, e as flores: aquellas para  
 conservar a vida, estas para receber os louros. Das So-  
 ciedades que a sabedoria he que se sempre o mesmo, e não  
 quer sempre o mesmo: as virtudes não deve haver  
 variedade, mas nos negocios deve haver mudança, e a  
 he de saber mudar de conselho, não he de pom parte  
 de os que nunca mudão de seu delicto: quanto mais  
 que depois de Siqua gozando se temer, e se tem como  
 não ha mais variedade nos crimes que nos actos para in-  
 tar a sua nobreza. Tenho estado em muitas viagens contra  
 o dho delicto, e nelleas molhada a total delicia,  
 que ha entre o palio, e a praxura, o pacto, e a coroa,  
 o bolar, e o corte, a caçaria, e o trono, o loloio, e  
 o Príncipe, para que não deyas Fillozas os Reis, nem  
 reinar os Fillozas.

**LISBOA OCCIDENTAL.**

Na Officina de MIGUEL RODRIGUES  
 Impressor do Real Gabinete de Historia Natural.

MDCXXXVIII

Comtoda a licençã por wofflerius